

## A FORMAÇÃO DISCURSIVA EM: CLARA DOS ANJOS E FERA FERIDA<sup>1</sup>

### DISCURSIVE FORMATION IN CLARA DOS ANJOS AND FERA FERIDA

Adriana dos Reis Silva  
Mestre em Letras e Linguística  
Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais  
(adrianasier@yahoo.com.br)

**RESUMO:** Neste trabalho intenta-se investigar a filiação discursiva de determinada personagem presente na obra **Clara dos Anjos**, de Lima Barreto e sua releitura em telenovela **Fera ferida**, de Aguinaldo Silva. Para essa investigação apoiou-se na noção de formação discursiva segundo Pêcheux (1997). Diante da extensão desse *corpus* percebeu-se a necessidade de um recorte, o foco, então, recaiu sobre o contexto vivenciado pela personagem Engrácia, mãe de Clara dos Anjos, que surge tanto na escritura de Barreto, quanto em sua releitura em telenovela. Através desses processos discursivos o lugar social do locutor, Engrácia, em **Fera ferida** e em **Clara dos Anjos**, vem à tona a partir do que essas podem e devem dizer segundo uma determinada situação. Engrácia, presente na obra de Barreto, se constrói pela submissão feminina, suscitando uma formação discursiva de cunho machista/subserviente. Por sua vez, na trama de Aguinaldo Silva, a composição dessa mesma personagem evoca uma formação discursiva de teor feminista, determinante para se perceber a evolução do papel da mulher em uma dada comunidade, como a brasileira.

**Palavras-chave:** Formação Discursiva; Processo Enunciativo; Personagem

**ABSTRACT:** This paper attempts to investigate the discursive filiation of a particular character present in the novel **Clara dos Anjos** by Lima Barreto and its rereading in the telenovela **Fera Ferida** by Aguinaldo Silva. In order to investigate this it is used the notion of discursive formation according to Pêcheux (1997). Considering the extension of this *corpus* we notice the necessity for a cut. So, it is focused on the context experienced by the character Engrácia, Clara dos Anjos's mother who is present in both Barreto's texts and in her rereading in the telenovela. Through those discursive processes the social position of the speaker Engrácia in **Fera ferida** and **Clara dos Anjos** comes up from what they might and should say according to a given situation. Engrácia who is present in Barreto's work is built from female submission, raising a sexist/subservient nature discursive formation. In turn, in Aguinaldo Silva's scheme this same character composition evokes a female content discursive formation which is determinant in order to perceive the evolution of woman's role in a given community such as Brazil.

**Keywords:** Discursive Formation; Enunciative Process; Character

Pretende-se nesse estudo, sob a perspectiva de formação discursiva, apreender a filiação discursiva de determinado personagem presente em **Clara dos Anjos** e em sua releitura na telenovela **Fera ferida**. Para tal pesquisa, percebeu-se,

---

<sup>1</sup> Este trabalho faz parte de uma pesquisa realizada pelo projeto FIP 2011, intitulado **As relações interétnicas brasileiras sob uma perspectiva discursiva**, aprovado pela Comissão de representantes de áreas do conhecimento ou o responsável pelo julgamento dos projetos de pesquisas, apresentados ao Fundo de Incentivo à Pesquisa (FIP) da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais - PUC Minas.

diante da extensão do *corpus* proposto, a necessidade de um recorte, sendo assim, o foco para esse trabalho se faz por meio do contexto vivenciado pela personagem Engrácia, mãe de Clara dos Anjos, que surge tanto na escritura de Barreto, quanto em sua releitura em **Fera ferida**

Acredita-se, desse modo, que impulsionar uma reflexão acerca dos mecanismos de exclusão legitimados pela sociedade, possa ser algo imprescindível para promoção da alteridade do outro.

Sobre os objetos em questão, considerar-se-á nesse primeiro instante, a obra do escritor Lima Barreto. Segundo um estudo realizado por Silva (2008), o referido autor construiu três produções literárias sob o mesmo título, **Clara dos Anjos**, sendo que o primeiro experimento textual foi em 1904, que foi inserido no diário particular do escritor – figurou como um esboço dessa obra. A segunda versão desse texto data de 1920, o conto, que se publicou no livro **Histórias e sonhos**. Já a terceira versão dessa obra é o romance, acabado e intitulado em 1922 com o mesmo nome do primeiro, sendo este o foco para o presente estudo. Nota-se, assim, que essa escritura percorre um período singular de reformulações, no entanto, a essência almejada por Barreto, parece não se perder por esse trajeto, que é retratar a condição do negro e/ou oprimidos na sociedade pós-escravagista brasileira.

O romance **Clara dos Anjos** constitui-se a partir da história de Clara, filha do carteiro Joaquim dos Anjos e da dona de casa Engrácia, assim como, seu envolvimento amoroso com Cassi Jones, um exímio conquistador suburbano.

Essa obra se desenvolve sob o olhar de um narrador heterodiegético, que revela de modo onipresente os acontecimentos da estória narrada. O espaço narrativo a seu tempo, se caracteriza através da apresentação de um subúrbio, remetendo ao Rio de Janeiro do século XX.

O autor parece apropriar-se da técnica de escritores realistas, fazendo com que o narrador se aproxime de seu leitor a partir de descrições singulares, mas que de certa forma sugerem um acúmulo de informações, utilizando para isso o espaço físico e o ambiente para nomear a posição social e moral dos personagens.<sup>2</sup>

---

<sup>2</sup> MICHELETTI, Guaraciaba. Contra o racismo e a injustiça. In: BARRETO, Lima. **Clara dos Anjos**. São Paulo: Ática, 1998. p. 03- 07.

A narrativa de Barreto, portanto, apresenta uma história de sedução que se revela sob determinados aspectos sociais, como os advindos da pobreza e da cor.

A novela **Fera ferida**, por sua vez, foi escrita por Aguinaldo Silva, Ricardo Linhares e Ana Maria Moretzsohn, sendo veiculada pela Rede Globo de Televisão em 1993, apresentando uma releitura de obras e personagens criados pelo escritor Lima Barreto. A narrativa se passa na cidade ficcional de Tubiacanga, seu protagonista é Raimundo Flamel ou Feliciano Júnior, este volta à cidade para vingar a morte de seus pais. A telenovela projeta várias tramas paralelas como traição, corrupção, racismo, etc., sendo que, nosso enfoque nesse momento se volta para o núcleo vivenciado pela personagem Clara dos Anjos e sua família.

Para constituir o aporte teórico estabelecido nesse estudo, tomou-se de empréstimo, a noção de formação discursiva segundo Michel Pêcheux (1997).

De acordo com esse autor, através do “hábito” e do “uso” a ideologia indica, num só momento, “o que é” e “o que deve ser”, e isso, em alguns casos, por intermédio de desvios linguisticamente assinalados em meio do preceito e da constatação, funcionando como dispositivo de “retomada do jogo”. As evidências pelas quais “todo mundo sabe” o que é, por exemplo, um soldado, um operário, uma fábrica, uma greve, etc., são geradas pela ideologia. Essas certezas manifestas fazem com que um enunciado/palavra diga o que realmente desejam dizer, sendo mascarado sob a “opacidade da linguagem”, isto é, a materialidade do sentido contido nos léxicos e enunciados. Nesse sentido, o autor considera, “(...) que o caráter material do sentido – mascarado por sua evidência transparente para o sujeito – consiste na sua dependência constitutiva daquilo que chamamos o todo complexo das formações ideológicas” (PECHEUX, 1997, p. 159-160).

Assim, Pêcheux (1997, p. 159-160) especifica essa espécie de subordinação através dos seguintes princípios:

- (i) Não há “em si mesmo” o sentido de uma palavra, expressão, proposição, etc., isto é, em sua correspondência com “a literalidade do significante”, sendo o sentido, então, estabelecido pelas posições ideológicas inscritas no jogo do processo social e histórico nos quais

essas palavras, expressões, proposições, etc., são geradas (ou reproduzidas).

Em linhas gerais, “as palavras, expressões, proposições, etc., mudam de sentido segundo as posições sustentadas por aqueles que as empregam”, isto quer dizer que a aquisição de sentido por parte desses termos/expressões, se dá em referência às formações ideológicas nas quais essas posições se inscrevem. (PECHEUX, 1997, p. 160)

Chamaremos, então, formação discursiva aquilo que numa formação ideológica dada, isto é, a partir de uma posição dada numa conjuntura dada, determinada pelo estado da luta de classes, determina o que pode e deve ser dito (articulado sob a forma de uma arenga, de um sermão, de um panfleto, de uma exposição, de um programa, etc.) (PECHEUX, 1997, p. 160).

(ii) Qualquer formação discursiva dissimula, pela diafaneidade do sentido constituído por ela, sua dependência ao “todo complexo com dominante” das formações discursivas, enredado no complexo das formações ideológicas. Esse “todo complexo com dominante” das formações discursivas atribui-se o nome de interdiscurso.

Diremos, nessas contradições, que o próprio de toda formação discursiva é dissimular, na transparência do sentido que nela se forma, a objetividade material contraditória do interdiscurso, que determina essa formação discursiva como tal, objetividade material essa que reside no fato de que “algo fala” (*ça parle*) sempre “antes, em outro lugar e independentemente”, isto é, sob a dominação do complexo das formações ideológicas (PECHEUX, 1997, p. 162).

Pode-se compreender essa passagem como algo relativo a uma memória discursiva constituída por um esquecimento determinante – com base no princípio de que todo discurso se manifesta na relação com a sua alteridade/ exterioridade ou, ainda, numa interação constitutiva com outros discursos. A partir dessas considerações, Pêcheux (1997) aponta dois tipos de discrepâncias para essa questão apresentada: o efeito de encadeamento do pré-construído (ilusão da existência de uma realidade dada como tal e representável pelo discurso) e a articulação (ilusão da existência de uma relação explicativa entre os sentidos que

funcionaria como processo de sustentação do discurso), que são determinados na própria estrutura do interdiscurso.

A noção de formação discursiva, deste modo, é concebida pelo referido autor, em termos de ‘regularidades’ distintivas de posições sociais determinadas em função das lutas ideológicas constitutivas de uma conjuntura histórica e política.

Através dessas considerações, contemplar-se-á nessa primeira instância analítica a obra de Barreto, **Clara dos Anjos**, examinando, assim, o contexto discursivo realizado pela personagem Engrácia.

Ela, segundo o narrador, apresenta um comportamento inerte, sem muita atitude. “Era incapaz de tomar uma iniciativa em qualquer emergência. Entregava tudo ao marido, que, a bem dizer, era quem dirigia a casa” (BARRETO, 1998, p. 52).

Sob esse tom, ainda, Engrácia é vista como uma boa pessoa, honesta, sedentária, caseira e do lar. Trazia em seus atributos físicos uma estatura mediana – “Não era muito baixa, escapava a média de nossas mulheres em geral. Tinha uma fisionomia medida, de traços leves, mas regular” (BARRETO, 1998, p. 18). Apresentava cabelos lisos e pele escura. Essa personagem era neta de escravos e filha de algum de seus “protetores” (antigos senhores de sua avó).

O cochicho não era destituído de fundamento, naquela família, composta de irmãs e irmãos, ainda abastada, que se comprazia, tanto uns como as outras, **em tratar filialmente aquela espécie de ingênuos, que viam a luz do dia, pela primeira vez, em sua casa.** As senhoras, então, eram de uma meiguice de verdadeiras mães (BARRETO, 1998, p. 53. Grifos do autor).

Engrácia fora tratada por essa família como filha, teve uma boa educação, contudo, seu biótipo mestiço a colocava em situação de desvantagem social, como se pode notar pelo trecho acima.

Tomando como princípio que todo discurso se apresenta na relação interativa com o discurso de outrem, como aponta Pêcheux (1997, p. 162), percebe-se que os enunciados de Engrácia são construídos por meio de um sujeito enunciator-narrador que se projeta em função de seus leitores.

Diante disso, os enunciados caracterizadores de Engrácia se revelam a partir de:

Edo 1: “Era incapaz de tomar uma iniciativa (...)” (BARRETO, 1998, p. 52)

Edo 2: “O carteiro era pardo-claro (...) a mulher, porém, apesar de mais escura, tinha o cabelo liso.” (BARRETO, 1998, p. 42).

Edo 3: “(...) em tratar filialmente aquela espécie de ingênuos, que viam a luz do dia, pela primeira vez, em sua casa” (BARRETO, 1998, p. 53)

Edo 4: “Não saía quase. Era regra que só o fizesse duas vezes por ano: no dia 15 de agosto, em que subia o outeiro da Glória, **a fim de deixar uma espórtula à Nossa Senhora de sua íntima devoção**; e, no dia de **Nossa Senhora da Conceição**, em que se confessava” (BARRETO, 1998, p. 53. Grifos do autor)

Por esses construtos de linguagem percebe-se que há uma dada intenção, observe:

Edo 1: demonstrar que a personagem se mostra um ser inerte e submissa;

Edo 2: conjecturar o processo de mestiçagem por meio da caracterização física: tez escura e cabelo liso;

Edo 3: desvelar a negação do amor paternal para com o sujeito nascido fora do casamento, principalmente, sendo mestiço;

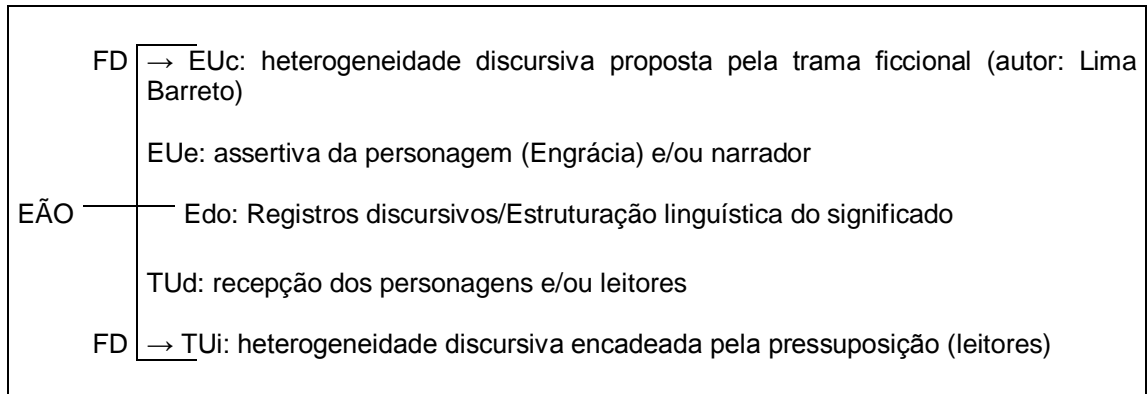
Edo 4: evidenciar o modo de ser de Engrácia: caseira, assim como sua religiosidade – cristã.

Assim, por esses apontamentos, encontra-se uma personagem inexpressiva, sem voz ativa, dependente do marido, e que interioriza bem as normas sociais ditadas às mulheres do século passado. Engrácia, ainda carregava o estigma da cor, fato exposto pelo Edo 2 e Edo 3.

Através desse processo discursivo emerge o lugar social do locutor: o que ele pode e se deve dizer segundo uma determinada situação, como esta apresentada por Engrácia. Desdobrando os lugares enunciativos desse contexto nota-se<sup>3</sup>:

---

<sup>3</sup> Por FD: Formação Discursiva; EUc: Eu comunicante; EUe: Eu enunciador; EÃO: Enunciação; Edo: enunciado; TUD: Tu destinatário; TUi: Tu interpretante. Torna-se interessante esclarecer que as denominações (EUc, EUe, TUD e TUi) foram apropriadas segundo a teoria semiolinguística de Charaudeau (2001) que a define a partir da relação contratual entre sujeitos do discurso. Assim, esse dispositivo contratual pode ser compreendido por dois circuitos: o circuito externo - situacional (lugar



**Quadro 1: Lugares enunciativos**

Logo, no âmbito externo, a construção da personagem Engrácia revela: uma sociedade dos idos de 1920, cujos preceitos patriarcais vigoram de forma contundente, denotando que o lugar da mulher era de completa submissão, esta enquanto solteira deveria servir ao pai, e após o casamento, ao marido. Corroborando esse dado, observe o excerto abaixo, no qual se pode notar o senso comum dessa época acerca do patriarcalismo:

Gilberto Freyre, acentua a submissão da mulher, repetindo a famosa frase de Capistrano para definir a família colonial (“pai taciturno, mulher submissa, filhos aterrorizados”), (...) (CORREA, 1981, p. 12).

Convém pontuar um dado curioso, essa mesma mulher, quando negra e/ou mestiça, além da subserviência física, deveria tê-la também no plano espiritual, e em tudo mais que fosse contra a ordem eurocêntrica.

Sob esse aspecto de cunho religioso, Abdias do Nascimento aponta que:

Para manter uma completa submissão do africano, o sistema escravista necessitava acorrentar não apenas o corpo físico do escravo, mas acorrentar também seu espírito. Para atingir este objetivo se batizava compulsoriamente o escravo e a Igreja Católica exercia sua catequese e proselitismo à sombra do poder armado. (...) hoje, em vez do batismo compulsório, temos a “democracia racial” compulsória cujos mandamentos são impostos pela ameaça policial,

---

do fazer psicossocial), lugar no qual se localizam as circunstâncias de produção do discurso, assim como os sujeitos responsáveis por essa produção; e o circuito interno - discursivo (lugar da organização do dizer), local de materialização discursiva. Estes circuitos vislumbram quatro sujeitos que se distribuem da seguinte maneira: no circuito do “fazer”, estão o sujeito comunicante (EUC) e o sujeito interpretante (TUi), seres reais historicamente determinados, parceiros do ato comunicativo, enunciando e co-enunciando; no circuito do “dizer” encontra-se o sujeito enunciativo (EUE) e o sujeito destinatário idealizado (TUd), qualificado por Charaudeau (2001) como seres de fala, por apresentarem-se no nível discursivo.

pela Lei de Segurança Nacional, e todo um cortejo de instrumentos legais e ilegais para amedrontar e dissuadir aqueles que não querem rezar pelo catecismo oficial... (NASCIMENTO, 1978, p. 109).

Na obra de Barreto não há indícios de alguma matriz religiosa africana, o que existe é uma completa assimilação da religião cristã e sua presentificação. Engrácia, nesse contexto, se assume incisivamente monástica.

Nota-se, desde logo, que a condição vivida pela personagem Engrácia é de completa submissão, evocando uma formação discursiva de cunho machista e subserviente. Sinteticamente, teremos:

(i) Personagem Engrácia $\implies$ FD: Subserviente e Machista
--

Nesse sentido, percebe-se que as relações enunciativas se revelam através do fenômeno da intertextualidade, afinal “nenhum campo discursivo existe isoladamente, havendo intensa circulação de uma região a outra do universo discursivo” (MAINGUENEAU, 1993, p. 117).

Por sua vez, a personagem Engrácia de **Fera ferida** é representada por Maria Ceixa, uma mulata. A personagem, ao contrário da construída por Lima Barreto, não é do lar, ela trabalha fora, em uma tecelagem. Trata-se de uma mulher forte e decidida, não inerte como aquela idealizada por Barreto, observe, por exemplo, a posição desta ao descobrir que o rapaz prometido a casar-se com sua filha Clara estava a se enamorar de outra:

Engrácia: - O que é justo ou não... quem dita sou eu... que sou a rainha menina... são as regras da irmandade! (SILVA, LINHARES e MORETZSOHN, 1993. Transcrição do autor).

Essa personagem é rainha de uma irmandade negra existente na cidade ficcional de Tubiacanga, diferente da Engrácia de Barreto, que mal frequentava a igreja cristã. A irmandade da qual a personagem em questão faz parte trazia os seguintes preceitos:

(...) um povo só sobrevive quando consegue fincar suas raízes... e mostrar o quanto elas são profundas ... a irmandade existe pra que todo negro não se esqueça de suas origens ... suas raízes e se você cortar essas raízes .. o caule apodrece... os galhos caem ...a vida acaba... por isso é que se passam séculos e séculos e as tradições



têm que continuar como são... (Essa fala pertence ao personagem Orestes) (SILVA, LINHARES e MORETZSOHN, 1993. Transcrição do autor).

Torna-se relevante ressaltar que o autor, ao introduzir esse dado em sua narrativa, parece reconhecer a importância do sincretismo religioso como alvo de um debate social que assegura a identidade do indivíduo negro, afinal, uma maneira de conservar uma cultura é propiciar que esta expresse suas crenças.

Nesse sentido, a personagem Engrácia é bem elaborada e resolvida – seu lado enérgico aparece muito. Um exemplo disso acontece num contexto de insubordinação de Votan, personagem que não quer cumprir com a promessa de casamento para com filha de Engrácia, Clara; Engrácia é incisiva, e o trata duramente por não acatar os seus deveres, observe:

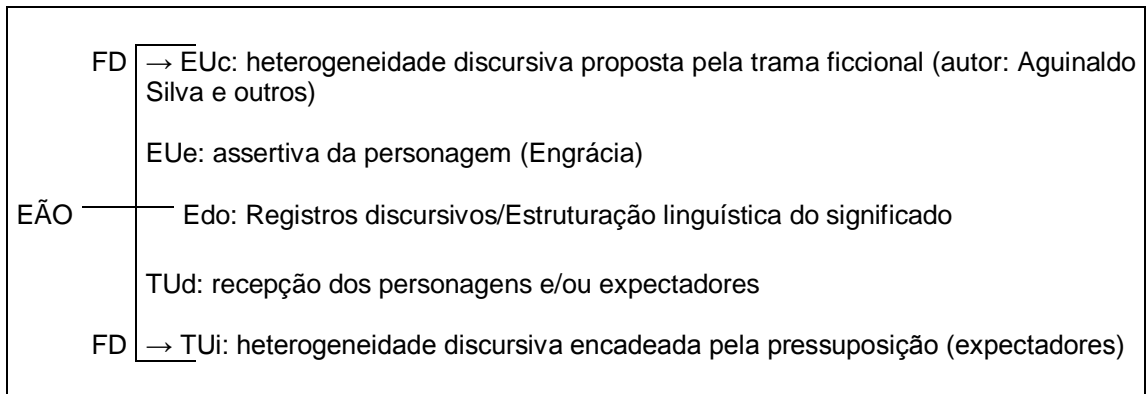
Ao traidor a morte... àqueles que descumprem as nossas leis, a indiferença.... a marginalidade....a miséria... o desalento... a aflição... nada! A partir dessa noite Terezinha... é isso que você será para nós... nada! A partir de agora, ninguém de nossa irmandade poderá olhar para você... falar com você ou tocar em qualquer coisa em que você toque, principalmente, nos alimentos! Você acabou!... Morreu! E o que restou foi isso... (SILVA, LINHARES e MORETZSOHN, 1993. Transcrição do autor).

Nessas circunstâncias, percebe-se que a mulher construída pela narrativa de Silva, Linhares e Moretzsohn se constitui de maneira polivalente – trabalha fora, dá conta dos serviços domésticos, cuida da família e ainda “reina” como líder de uma irmandade religiosa. Veja os enunciados abaixo:

Edo 1: “O que é justo ou não... quem dita sou eu... que sou a rainha (...)”(SILVA, LINHARES e MORETZSOHN, 1993. Transcrição do Autor).

Edo 2: “(...) um povo só sobrevive quando consegue fincar suas raízes.” (SILVA, LINHARES e MORETZSOHN, 1993. Transcrição do Autor).

Diante dessas questões, os lugares enunciativos inscritos nessa trama podem se apresentarem da seguinte forma:



### Quadro 2: Lugares enunciativos

Através desses posicionamentos percebe-se que essa personagem se enquadra numa formação discursiva de teor feminista e de completa liberdade de expressão, de moral e/ou intelectualidade. Tendo em vista que, à dispersão de certos enunciados propicia um diálogo com determinados acontecimentos, e estes remetem a um jogo interdiscursivo. Nesse sentido, observe o plano histórico acerca da ascensão feminina:

Nos anos 1980 o movimento de mulheres no Brasil era uma força política e social consolidada. Explicitou-se um discurso feminista em que estavam em jogo as relações de gênero. As ideias feministas difundiram-se no cenário social do país, produto não só da atuação de suas porta-vozes diretas, mas também do clima receptivo das demandas de uma sociedade que se modernizava como a brasileira. Os grupos feministas alastraram-se pelo país. Houve significativa penetração do movimento feminista em associações profissionais, partidos, sindicatos, legitimando a mulher como sujeito social particular (SARTI, 2004, p. 42).

Por conseguinte, de modo sintético, em **Fera ferida**, há então, uma personagem que se assume discursivamente da seguinte forma:

(i) Personagem Engrácia	⇒	FD: Feminista
-------------------------	---	---------------

Nessa ficcionalização de Silva, Linhares e Moretzsohn, Engrácia ignora os padrões hierárquicos de outrora. A liberdade faz parte agora do reconhecimento do outro. Na condição de mestiça, essa personagem demonstra sua alteridade a partir de seu posicionamento dentro da irmandade, a qual lidera com “mãos de ferro”, carregando consigo as mudanças da contemporaneidade.

Observa-se, ainda, no âmbito externo da narrativa que a condição da mulher eleva-se; deixa de lado o domínio patriarcal e machista, para se inserir num momento revolucionário e de autonomia. As concepções acerca da religiosidade africana, nesse momento, também são exaltadas, há uma devida consideração e respeito para com os valores advindos da crença daqueles que são adeptos da “irmandade” nesse contexto. Salientando, que essa trama se passa na década de 80, sessenta anos depois da escritura oficial de Lima Barreto, fator determinante para se entender as mudanças, tanto sociais, quanto religiosas.

Já Engrácia de Lima Barreto se constrói sob a mansidão e a submissão perante aos homens, retratando uma época retrograda e mostrando a forma de vida da mulher do século passado.

A relação racial que envolve essa personagem de Barreto se mostra sutil, mas acaba expondo uma sociedade que parece viver sob o julgo de associações classificatórias, como a científica e a religiosa para lidar com o conceito de raça; fator que se torna determinante para a segregação dos indivíduos, culminando em formas e/ou atos preconceituosos para o convívio humano.

Os aspectos aqui mostrados convergem, ainda, para a questão socioeconômica, vivida pelas personagens de Barreto e Silva, Linhares e Moretzsohn, ambas advém de um lugar social desprivilegiado. Esta é uma tecelã, vive humildemente com sua família, e aquela tem uma vida modesta no subúrbio, dados que contribuem para os iníquos sociais.

Dessa forma, essas produções discursivas nos revelam as diferentes crenças presentes e o posicionamento dos sujeitos no seio de uma dada comunidade, como a brasileira. As diferentes épocas são marcantes para se entender as opiniões que se constroem acerca de determinados assuntos, como o tratado aqui, a condição vivida pela mulher negra e/ou mestiça e a questão do sincretismo religioso, situação que revela a preservação de uma cultura, como acontece em **Fera ferida**, e em **Clara dos Anjos** tal aspecto parece ser negado e/ou velado.

As formações discursivas, nesse âmbito, pressupõem uma filiação discursiva que podem ser verificadas a partir de uma predicação dada, como as

caracterizações e os contextos aqui mostrados em função das personagens em questão. Logo, o processo de desenvolvimento e construção de uma formação discursiva, pode ser considerado a partir de enunciados dispersos, formando então, um discurso. Maingueneau *apud* Orlandi (1988) conjectura que uma formação discursiva (em correlação com a formação ideológica) estabelece as condições de exercício da função enunciativa.

Diante disso, percebe-se a relevância de uma formação discursiva para a construção de sentido, tendo em vista que essa propicia examinar a relação sociedade e história através da dispersão textual, se fazendo reconhecer sob as regularidades e retomada enunciativas, como por exemplo, a que trata do gênero e/ou da racialidade, temas presentes nesse estudo.

## Referências

BARRETO, L. **Clara dos Anjos**. São Paulo: Ática, 1998.

CHARAUDEAU, P. Uma teoria dos sujeitos de linguagem. In: MARI, H.; MACHADO, I. L.; MELLO, R. de. **Análise do Discurso: fundamentos e práticas**. Belo Horizonte: NAD/FALE/UFMG, Segrac, 2001. p. 23-38.

CORRÊA, M. Repensando a família patriarcal brasileira. **Cad. Pesq.**, São Paulo, v.37, n.1, p.5-16, mai.1981.

MAINGUENEAU, D. Do discurso ao interdiscurso. In: MAINGUENEAU, D **Novas tendências em análise do discurso**. Campinas: Pontes, 1993, p. 111- 126.

MICHELETTI, G. Contra o racismo e a injustiça. In: BARRETO, Lima. **Clara dos Anjos**. São Paulo: Ática, 1998. p. 03-07.

ORLANDI, E. P. **Discurso e leitura**. São Paulo: Cortez, 1988.

PÊCHEUX, M. **Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio**. Trad. Eni Pulcinelli Orlandi , et.al. São Paulo: Unicamp, 1997.

SARTI, C. A. O feminismo brasileiro desde os anos 1970: revisitando uma trajetória. **Rev. Estud. Fem.** Florianópolis, vol.12, n.2, p. 35- 50. mai/aug. 2004. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ref/v12n2/23959.pdf>>. Acesso em: 17 out. 2011.

SILVA, T. O. da. O conto e o romance nas “Claras dos Anjos” de Lima Barreto. In: **Seminário do Gel**, 56., 2008, Programação... São José do Rio Preto (SP): GEL,

2008. Disponível em: <<http://www.gel.org.br/?resumo=4707-08>>. Acesso em: 28 out. 2010.

SILVA, A.; LINHARES, R.; MORETZSOHN, A. M. **Fera ferida**. Rio de Janeiro: Rede Globo de Televisão, 1993. 209 capítulos.